
CASCAIS: A INVASÃO ESPANHOLA DE 1580 E A DEFESA DO REINO DEPOIS DA RESTAURAÇÃO**TEMÁTICA**

A Restauração da Independência Nacional (1640)

UNIDADE CURRICULAR

Factos e momentos decisivos para a História de Cascais e/ ou Portugal

INTRODUÇÃO

Cascais sofreu violentamente a invasão espanhola de 1580, ordenada por Filipe II de Espanha. O rei D. Sebastião morrera na batalha de Alcácer Quibir, em 1578, sem descendência e testamento. Sucedeu-lhe o seu tio-avô, o cardeal D. Henrique, cuja morte, em janeiro de 1580, também sem deixar testamento e sucessor nomeado, permitiu a Filipe II de Espanha, neto de D. Manuel I, apresentar-se como pretendente legítimo ao trono de Portugal. O seu principal opositor seria D. António, prior do Crato, ainda que com uma legitimidade reduzida, pois este neto de D. Manuel I era filho bastardo.

A ascensão de Filipe I de Portugal ao trono conseguiu-se através da legitimidade, da corrupção e da força, pelo que, pouco depois, afirmaria: «Portugal: herdei-o, comprei-o e conquistei-o». Para o efeito distribuiu muitos benefícios pela aristocracia portuguesa e pelos comandantes militares, invadindo Portugal pela fronteira de Badajoz/Elvas com um exército de dezenas de milhares de homens, que estacionaram em Setúbal. Comandava-o o duque de Alba, conhecido como o «carniceiro da Flandres» depois da repressão que ali exerceu. Ao mesmo tempo, uma armada capitaneada pelo marquês de Santa Cruz veio conquistando as cidades portuárias do Algarve até Setúbal.

Uma vez agrupadas, as duas forças decidiram qual a melhor tática para a tomada de Lisboa. Atravessar o rio Tejo era demasiado perigoso, forçar a entrada da Barra resultaria em muitas perdas e cruzar o rio mais para montante, no Ribatejo, seria moroso e complicado. Estava-se no verão e uma deslocação de cerca de 100 quilómetros em terreno hostil, com escassos recursos de água, não era aconselhável... Começariam, assim, por Cascais.

DESCRIÇÃO

Segundo o relato coevo de António de Escobar, fidalgo que acompanhou a invasão, o duque de Alba entrou em Portugal com os 100 «continos» da guarda pessoal do rei, 11 companhias de homens de armas, 3 companhias de cavalos ligeiros, 5 companhias de

arcabuzeiros a cavalo, 4 companhias de ginetes, os terços de Nápoles, da Lombardia, dos Italianos, dos Alemães e outros recém-formados 7 terços, corpos militares autónomos que podiam chegar a contar com 3 000 homens. As tropas faziam-se acompanhar de mais de 12 000 carros de mulas e 100 peças de artilharia, bem como de 3 000 sapadores.

A armada comandada pelo marquês de Santa Cruz era composta, segundo a mesma crónica, por 64 galeras reais, 21 naus de alto bordo, 63 chalupas, 9 «fragatas de descobrir», 20 galeras do reino de Nápoles, 10 galeras da Sicília e 34 de Espanha, num total de 231 embarcações e muitas centenas de peças de artilharia. A dimensão das forças invasoras tentava, desde logo, dissuadir qualquer tentativa de reação por parte da facção do prior do Crato, mas também evitar grande destruição. Filipe queria receber a sua herança e não destruir um inimigo, pelo que proibiu o saque de Lisboa, não obstante o protesto dos terços mercenários.

De acordo com várias fontes, o Senhor de Cascais, D. António de Castro, conde de Monsanto, optou pelo partido filipino e juntou-se ao seu comando em Setúbal, avisando os espanhóis da existência de um boqueirão não defendido, já nas faldas da Serra de Sintra, que podia servir de testa de ponte para o seu desembarque. Todas as praias passíveis de ancoradouro, como as da Poça, do Tamariz ou das Moitas, estavam armadas com artilharia entrincheirada e corpos militares suficientes para impedir um ataque. Por sua vez, Cascais já tinha a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz erguida, como um abaluartamento da antiga Torre de Cascais, podendo bombardear uma aproximação por mar.

Desta forma, no dia 30 de julho, a armada passou ao largo da vila, rumo ao boqueirão «de muy fragosas rocas, en el qual com mucho trabajo le podría tomar puerto». Aí não existiam defesas militares, pois os portugueses pensavam que os espanhóis não conheciam esta remota enseada, marcada pelas rochas e inclinação do solo. Uma vez chegada a armada, começou o desembarque através de botes. Os portugueses, que vinham de Cascais acompanhando as embarcações para perceber o que se tramava, foram bombardeados, enquanto os invasores tomavam rapidamente os pontos mais altos. Após algumas escaramuças conseguiriam, assim, com algumas centenas de soldados e forte apoio da artilharia naval, fazer os defensores recuarem até a vila.



Desembarque das tropas espanholas em Cascais, no ano de 1580. Pormenor de fresco da Sala de Portugal no Palácio do Marquês de Santa Cruz

Ver a [imagem](#) no Flickr

O duque de Alba quis desembarcar, por não se sentir bem, quando apenas haviam chegado a terra 600 dos seus homens. Segundo comentário do marquês de Fronteira, em inspeção aos fortes na segunda metade do século XVII, terá sido na Laje do Ramil que o comandante colocou pés em terra. O inpetor chamou-lhe a «laje do escândalo» em relatório de 1675. Este facto pode justificar a construção, mesmo ao seu lado, do Forte de Nossa Senhora da Guia, c. de 1642, após a restauração da independência. A partir daqui o desembarque deve ter ocorrido por toda a costa da Guia ao Guincho, caso o mar estivesse favorável.

Os moradores da vila tinham fugido, com o que puderam salvar, para Lisboa e outros locais. Já D. António de Castro mandou guardar os seus mais preciosos bens na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, atual igreja matriz, garantindo a sua integridade quando do saque que se seguiu à tomada de Cascais...

A vila e a fortaleza de Nossa Senhora da Luz foram sitiadas, depois de o duque de Alba ter passado a noite na Ermida de Nossa Senhora da Guia. A rendição tardia do alcaide Pereira de Lacerda, que resistiu enquanto as muralhas aguentaram, valer-lhe-ia o enforcamento num merlão das canhoneiras da bateria alta, virada a terra, juntamente com dois artilheiros, que foram enforcados em dois canhões, a 2 de agosto. Os seus corpos ficaram expostos e a notícia correu rapidamente até ao Forte de S. Julião da Barra.

Também o comandante das forças portuguesas, D. Diogo de Menezes, que estava escondido no mais esconso dos baluartes, foi denunciado e preso, para ser degolado nesse mesmo dia. Seguiu vestido de luto, montado numa mula, desde a fortaleza, com uma cruz na mão. Acompanhavam-no frades, clérigos e arcabuzeiros alemães. Chegado a uma praça não identificada, repleta de elementos do terço dos Alemães, este «hombre de mediana estatura y buen rostro, edad de sesenta años» subiu ao cadafalso com a dignidade «de valente capitão» e esteve cerca de meia hora a confessar-se aos sacerdotes. Mandaram-no, então, colocar-se de joelhos para morrer. O carrasco alemão descobriu-lhe o pescoço a enfiou-lhe uma carapuça que o tapou até aos olhos. Desembainhando um grande alfange deu-lhe tal golpe pela cerviz que a cabeça rolou pelo cadafalso em sangue. De seguida o carrasco derrubou o corpo, ainda de joelhos e cobriu-o com a capa de luto. A cabeça parou aos pés do corpo.



A armada espanhola junto a Cascais, em 1580. Pormenor de fresco da Sala de Portugal no Palácio do Marquês de Santa Cruz
Ver a [imagem](#) no Flickr

A execução causou escândalo e temor, pois era um aristocrata e ex-vice-rei da Índia. Representantes de municípios próximos, como Sintra ou Colares, apressaram-se a enviar representantes ao duque de Alba reconhecendo Filipe como rei de Portugal. O exército invasor assentou, depois, arraial nas quintas circundantes à Fortaleza de S. Julião da Barra. Após alguns desentendimentos e forte utilização da artilharia tiveram início as negociações de rendição do alcaide Tristão da Veiga. A capitulação começou

com conversações com o senhor de Cascais, António de Castro, num grande pátio de uma casa nas redondezas. Seguidamente, a negociação com o duque de Alba determinou a rendição sem punições e a libertação dos homens de armas, cercados por terra e por mar. Abandonado o Forte da Cabeça Seca (Bugio), a armada entrou pela Barra e o exército percorreu os campos até à batalha de Alcântara, que decidiu o reinado de Filipe I de Portugal.

No quadro das Guerras Anglo-Hispânicas, no ano de 1589 a Inglaterra enviou uma armada para destruir navios espanhóis nos estaleiros da Galiza e invadir Portugal para colocar D. António no trono. Esperava-se a sublevação dos povos pela simples presença do Prior do Crato e das forças inglesas. Seria uma frota de mais de 100 navios e talvez com mais de 20 000 homens de armas. Cascais voltou a ser fustigada, desta vez pelo pirata Francis Drake que, ao serviço da rainha Isabel I de Inglaterra, comandava a expedição. O primeiro desembarque deu-se em Peniche e a armada rumou a Cascais, onde estacionou. O saque que efetuaram em Atouguia da Baleia, Lourinhã, Torres Vedras e Loures também se repetiu, pois, em Cascais...

A invasão de 1580 revelou algumas das fraquezas da defesa de Lisboa. Foram de imediato reparadas as fortalezas bombardeadas, estando já em 1591 operacional o Forte de Santo António da Barra (na área onde surgiria séculos depois S. João do Estoril), para impedir desembarques, aguadas ou esperas por bons ventos ou marés. Quando da Restauração da Independência, a 1 de dezembro de 1640, o conde de Cantanhede, D. António Luís de Menezes, futuro marquês de Marialva, recebeu a incumbência de organizar a defesa da costa de acesso à Barra de Lisboa. Percebera-se que seriam mais eficazes fortes pequenos e disuasores, pontilhando a costa, em locais estratégicos para eventuais desembarques. Paralelamente edificaram-se grandes fortificações, como a Cidadela de Cascais, que agregaria a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz.

Desta forma, implantar-se-iam 17 fortes na costa de Cascais, que integravam uma linha defensiva que seguia até Lisboa. Foi, assim, construído o Forte do Guincho, sobre a falésia a cerca de 20 metros acima do nível médio das águas do mar. Nas zonas escarpadas, como a que se segue à Guia, apesar de existirem defesas naturais, foram edificados baluartes como o Forte de Nossa Senhora da Guia, frente à Laje do Ramil, onde terá desembarcado o duque de Alba. Acompanhavam estes fortes e muitos troços de costa diversas linhas de fuzilaria, como sucedeu em Cascais, no Estoril, em Cai-Água (hoje S. Pedro do Estoril), na Parede ou em Carcavelos. Esta estrutura tinha áreas com comandos centralizados na Cidadela, a maior fortificação de Cascais, no Forte de Santo António da Barra e na Fortaleza de S. Julião da Barra. A força dissuasora da nova linha defensiva era de relevo. Se o pigmento utilizado fosse o ainda observável na Torre de Cascais – um tom ocre amarelado escuro – as construções seriam bem visíveis de longe.



Fortificações marítimas do concelho de Cascais

Ver a [imagem](#) no Flickr

Note-se, contudo, que a Guerra da Restauração teve as suas batalhas na zona raiana, principalmente no Alentejo, pelo que as novas fortificações marítimas de Cascais funcionaram, antes de mais, como estruturas dissuasoras de potenciais ataques. Consequentemente, como do mar não era possível saber se as fortificações estavam sem munições, sem artilharia ou sem guarnição, cedo muitas ficariam obsoletas.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Conhecer e compreender o conjunto de fatores que levaram à perda da independência em 1580.

Conhecer a Restauração da independência, em 1640 e os efeitos da guerra da Restauração.

RECURSOS E ATIVIDADES

Álbum [Cascais: a invasão espanhola de 1580 e a defesa do reino depois da restauração de Cascais em Imagens](#) (Flickr)

Rota das [Fortificações Marítimas](#)

FICHA DE ATIVIDADE

Faz corresponder as letras de cada uma das seguintes personagens às afirmações abaixo assinaladas. Está atento, pois duas delas dizem respeito a outras figuras importantes da nossa história!



D. Filipe I



D. João IV



Duque de Alba



D. Sebastião



D. António, Prior do Crato

1. Comandei o exército que invadiu Portugal em 1580. _____
2. Morri na Batalha de Alcácer Quibir, em África. _____
3. Mandei construir 17 fortes ao longo da costa de Cascais para defesa de possíveis ataques de espanhóis. _____
4. Descobri o caminho marítimo para a Índia. _____
5. Como sou neto de D. Manuel I, decidi invadir Portugal. _____
6. Também sou neto de D. Manuel I e mereço ser rei de Portugal. _____
7. Tornei-me rei depois da restauração da independência de Portugal. _____
8. Sou rei de Espanha. _____
9. Morri muito novo e como não tinha filhos o meu tio-avó foi declarado rei de Portugal, mas morreu dois anos depois. _____
10. Fui alvejado mortalmente por um republicano. _____
11. Depois de desembarcar junto ao Farol da Guia, ataquei de surpresa a vila de Cascais. _____
12. Tive de fugir de Portugal depois da chegada dos espanhóis. _____

PARA SABER MAIS

Bibliografia

BOIÇA, Joaquim M. F. ; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de ; RAMALHO, Margarida de Magalhães - *As fortificações marítimas da Costa de Cascais*. Lisboa: Quetzal, 2001. 233 p. ISBN 972-564-509-X

Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

CONESTAGGIO, Girolamo Franchi di - *Dell'unione del Regno di Portogallo Alla Corona di Castiglia*. Milano: Gio. Battista Bidelli, 1616

Consulte [aqui](#) a cópia pública da obra no Internet Archive

ESCOBAR, António de - Relación de la felicíssima jornada que... don Felipe... hizo en la conquista de Portugal. In Anexos de la *Revista Lemir*. Valencia: Departamento de Filología Española da Facultad de Filología de Universitat de Valencia. 2004. ISBN 1579-735X 2

Consulte [aqui](#) a cópia pública da obra na página da Universitat de Valencia

MATOSO, José [et al.] - *História de Portugal*. Lisboa: Estampa, D.L. 1993- . vol. ISBN 972-33-0924-6

Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

RAMALHO, Margarida de Magalhães - *Fortificações marítimas*. Cascais: Câmara Municipal, D.L. 2010. 74, [5] p. ISBN 978-972-637-226-4

Consulte [aqui](#) a cópia pública da obra na Biblioteca Digital de Cascais

Ficha relacionada

[Personagens da história de Cascais: D. Pedro I, D. Diogo de Meneses, o Soldado do Regimento de Infantaria 19 e D. Carlos](#)